

As “Férias Navais” de Churchill

O Seu Plano para Evitar a Grande Guerra

Na Primavera de 1914, a iniciativa de controlo de armas de Winston Churchill foi, aos olhos do Governo alemão, um absurdo. Tal como o despoletar da guerra naquele Verão mostrou, Berlim teria melhor assegurado os seus interesses e o bem-estar do povo alemão se tivesse cooperado com Churchill em vez de o ter contrariado.

POR **John H. Maurer**

Professor Alfred Thayer Mahan de “Sea Power and Grand Strategy” no Naval War College em Newport, Rhode Island, é autor/editor de diversos livros que analisam o despoletar da Primeira Guerra Mundial, intervenções militares no mundo subdesenvolvido, o controlo de armas navais entre as duas grandes guerras e ainda a perspectiva de Churchill sobre a política externa britânica. Traduzido de *Finest Hour* Nr. 163, Summer 2014.

Winston S. Churchill é melhor lembrado como um líder destemido em tempos de guerra. Mas deveria também ser lembrado pelos seus esforços para prevenir as catastróficas grandes guerras que haveriam de dominar e deixar uma cicatriz na história do século XX. Ainda que amplamente esquecido actualmente, Winston Churchill levou a cabo uma notável e persistente tentativa para travar o confronto frontal dos armamentos navais que estava a transformar a Grã-Bretanha e a Alemanha em inimigos.

Numa arrojada e pouco convencional iniciativa enquanto Primeiro Lorde do Almirantado, Churchill convidou publicamente os governante alemães a fazerem “férias” da construção de navios de guerra, em três ocasiões separadas em 1914. Nos bastidores, pressionou as negociações com esta sua proposta como ponto de partida. Era sincera a esperança de Churchill de que as Férias Navais iriam interromper a dinâmica acção-reacção da corrida armamentista – aquilo a que os estadistas de então chamavam “a guerra marítima travada nos estaleiros”¹. Em vez de existirem em campos opostos, ele queria promover a cooperação entre as duas principais potências Europeias.

A defesa de uma pausa na construção naval de Churchill deu origem a um grande rol de comentários e teve uma vida longa. Mas os governantes alemães estavam alinhados contra a proposta, juntamente com muitos em Inglaterra – os líderes da oposição, uma imprensa hostil e mesmo membros do Governo. A oposição conservadora considerou o plano Churchill impracticável, enquanto que os decisores da política externa britânica também se opuseram as negociações de controlo de armas com a Alemanha. É interessante que o mesmo sistema que iria ridicularizar o pedido de rearmamento de Churchill nos anos 30 estava a liderar as críticas ao desarmamento de 1912-14.

O notável historiador A. J. P. Taylor acredita que “provavelmente apenas Churchill a levou a sério”, mas a iniciativa das Férias Navais foi também encarado com bastante sobriedade pelos líderes alemães. O embaixador Alemão em Londres, Príncipe Karl Max Lichnowsky, relatou que Churchill “queria que as Férias Navais fossem completamente levadas a sério e considerava a ideia completamente exequível”². Churchill apercebeu-se de que existiam impedimentos maiores no caminho. No entanto, argumentou que era “do profundo interesse britânico tentar procurar uma interrupção” na competição armamentista³.

A PROCURA DA ALEMANHA POR PARIDADE NAVAL

Churchill tornou-se Primeiro Lorde do Almirantado a 25 de Outubro de 1911, quando a emergência daquilo a que os alemães chamaram a sua “Frota de Alto Mar” representou uma grande ameaça à segurança britânica. No Verão de 1911, a Alemanha tinha provocado um confronto internacional com a França relativamente a Marrocos – a chamada Crise de Agadir – os líderes britânicos haviam temido que em algum ponto a guerra pudesse irromper, com os alemães a lançarem um ataque surpresa na frota britânica, dispersa nas suas bases de tempo de paz em águas domésticas. Como Ministro responsável pela defesa naval, Churchill estava seriamente preocupado. “De todos os perigos que ameaçaram o Império Britânico,” escreveu mais tarde, “nenhum era comparável...se a frota ou uma parte vital da mesma fosse apanhada

desprevenida ou despreparada e a nossa preponderância naval fosse destruída, teríamos perdido a guerra, e não haveria limite aos males que nos poderiam ter infligidos.” Para Churchill, a frota de batalha alemã, concentrada nas águas domésticas alemãs e pronta para lançar o primeiro ataque surpresa, representava “um perigo sempre presente”⁴.

A determinação de Churchill em garantir a preparação naval da Grã-Bretanha para a guerra não significava que ele considerava inevitável um conflito entre Inglaterra e a Alemanha. “Eu não acredito,” referiu a um adjunto político, “na teoria de guerras inevitáveis”⁵. A guerra, estava convencido, não serviria os interesses de nenhum país. Num discurso em 1908, ridicularizou a noção de que a rivalidade Anglo-Germânica significaria um confronto armado. “Acredito que é importante que seja rejeitado”, afirmou,

*que as pessoas devam tentar espalhar neste país a crença de que a guerra entre a Grã-Bretanha e a Alemanha é inevitável. É tudo absurdo... não existe uma colisão de interesses primários – interesses grandes, importantes – entre a Grã-Bretanha e a Alemanha em nenhuma parte do globo... olhem para ele de qualquer perspectiva que desejem, e digo-vos que chegarão à mesma conclusão no que diz respeito às relações entre Inglaterra e a Alemanha, que não existe nenhuma causa real de diferenças entre elas, e... que estes dois grandes povos não têm nada sobre o que lutar, não têm um prémio pelo qual lutar, e não têm um lugar no qual lutar*⁶

Churchill ansiava “pelo desenvolvimento pacífico da política Europeia nos próximos vinte anos” – um resultado “da relação abençoada do comércio [que] estava a unir as nações contra a sua vontade, apesar da sua vontade, inconscientemente, irresistivelmente, e interlaçando-as incessantemente numa sólida e interdependente massa”. O que Churchill chamou “os laços prosaicos do comércio” estavam a atenuar crises internacionais, a promover a resolução pacífica de disputas entre “estados civilizados e comerciais”. O perigo de um colapso económico internacional, defendia, impunha “uma cautela efectiva e refreava até os mais imprudentes e intemperantes estadistas”. Para reforçar

o seu ponto de vista, Churchill poderia referir o facto de que durante os quarenta anos anteriores “nenhuma potência altamente organizada e comercial tinha desembainhado a espada contra outra”⁷.

Mas a implacável construção da Frota de Alto Mar alemã, juntamente com a falta de vontade de Berlim para reduzir o seu programa naval, levaram Churchill a concluir relutantemente que as ambições alemãs representavam, de facto, uma seria ameaça à paz na Europa. A competição naval em 1908–12 entre a Grã-Bretanha e a Alemanha na construção de grandes navios modernos – couraçados e cruzadores de batalha – é frequentemente considerada um clássico exemplo de uma corrida armamentista⁸. Nesses seis anos, Inglaterra lançou 29 grandes navios e a Alemanha dezassete. Para proceder ao seu pagamento, o orçamento naval alemão praticamente duplicou, enquanto que o Britânico aumentou mais de 40%⁹. Churchill considerava que a grande potência militar na Europa visava agora “tornar-se ao mesmo tempo a segunda potência naval... um evento de importante magnitude nos assuntos mundiais”¹⁰.

Churchill expressou sem rodeios estas considerações em conversas com o Embaixador Lichnowsky: “não era benéfico fechar os olhos aos factos,” afirmou, “e independentemente de quão arduamente o Governo e os cidadãos se esforçassem para impor um espírito de confiança real entre os dois países, o seu progresso seria muito reduzido enquanto houvesse um contínuo crescimento na política naval na Alemanha”¹¹.

A construção de uma frota de batalha alemã constituiu o maior obstáculo à cooperação Anglo-Germânica. A Alemanha poderia remover este obstáculo, reduzindo o perigo de guerra.

Quando Churchill se tornou Primeiro Lorde do Almirantado implementou um programa de construção de navios de guerra para dar à Grã-Bretanha uma posição decisiva na corrida armamentista. O número de navios de batalha britânicos seria baseado no nível de construção da Alemanha. Se a Alemanha aumentasse a sua produção, a Grã-Bretanha iria imediatamente seguir-lhe os passos e ultrapassá-la. Esta estratégia, observou Churchill, iria esclarecer os líderes alemães relativamente à futilidade de tentar superar a liderança naval britânica. “Nada, na minha opinião,” escreveu

Churchill, “desmotivaria mais a Alemanha do que a prova certa de que apesar de todos os seus esforços presentes e prospectivos estaria sempre irremediavelmente atrasada”¹². Para o editor J. L. Garvin, Churchill escreveu, “desde que não diminuamos os nossos esforços, e procedamos de acordo com as linhas de sobriedade que defini, devemos – na ausência de qualquer novo desenvolvimento – partir os corações destes companheiros ou os seus pescoços na guerra”¹³.

Ao frustrar as ambições navais alemãs, Churchill esperava tornar Berlim mais propício à resolução de quaisquer diferenças. Para o Lorde Almirante “Jackie” Fisher, Churchill afirmou que a construção naval britânica poderia ser alterada para permitir que “a Inglaterra e a Alemanha concordassem em reduções proporcionais”¹⁴. Ganhar a guerra armamentista não era um fim em si mesmo mas uma forma de convencer o Governo alemão que a cooperação, e não a rivalidade, beneficiariam os interesses principais de ambos os países.

O CACETE E A CENOURA

Para revelar o seu esquema das Férias Navais, Churchill escolheu um cenário dramático: a sua apresentação anual ao Parlamento das estimativas navais para o próximo ano, a 18 de Março de 1912. O interesse no seu discurso havia sido aumentado pelos rumores dos iminentes aumentos no programa de construção naval alemão, trazendo a ameaça de um outro dispendioso ciclo na corrida naval armamentista, e pelo facto de que era a sua primeira apresentação como Primeiro Lorde.

Churchill não desiludiu. Perante uma Câmara dos Comuns lotada, declarou de forma frontal que os esforços navais britânicos estariam concentrados em derrotar o desafio alemão colocado pela questão da construção naval. Adicionalmente, alertou, para a construção de cada grande navio iniciada pela Alemanha, a Grã-Bretanha construiria dois. As suas intenções eram claras. Isto seria o cacete – depois viria a cenoura:

Para interromper a competição naval, Churchill apelou à introdução de “uma página em branco no livro de mal-entendidos... qualquer atraso ou redução na construção alemã será... imediatamente seguido aqui... por uma ampla e

total redução nas mesmas proporções”.

Em 1913, por exemplo, se a Alemanha tivesse abandonado os seus planos para três novos grandes navios, a Grã-Bretanha teria “riscado” os correspondentes cinco grandes navios que haviam sido planejados para esse ano. “Os três navios que [a Alemanha] não construiu,” Churchill afirmou, “teria automaticamente eliminado não menos do que cinco potenciais *super-Dreadnoughts* [a última geração de navios de batalha]. Ao fazer uma pausa na construção de um ano, ou mesmo dois, a Alemanha teria obtido outras poupanças substanciais,” Churchill argumentou: “Aqui está, então, um arranjo perfeitamente simples pelo qual, sem negociação diplomática, sem qualquer barganha, sem a mais pequena restrição na liberdade soberana de qualquer potência, esta intensa e dispendiosa rivalidade naval poderia ser a qualquer momento apaziguada”¹⁵.

Kaiser Wilhelm, que tinha conhecido Churchill pessoalmente durante as manobras armadas alemãs de 1909, enviou-lhe uma “cortês” mensagem referindo que Férias Navais “seriam apenas possíveis entre aliados”¹⁶. No seu círculo mais íntimo, Wilhelm foi muito menos cortês, apelidando o discurso de Churchill de “arrogante”. O Chancelor alemão, Theobald von Bethmann Hollweg, apesar de não ser grande adepto de despesa militar, também descartou a iniciativa. “O dis-

curso de Churchill não alcançou as minhas expectativas,” escreveu; Churchill “assemelha-se mesmo a um militante [*firebrand*] do apelo ao passado”¹⁷. A Alemanha recusou-se até a dar uma resposta oficial à proposta de Churchill.

Churchill insistiu. Inglaterra, disse, “nunca deverá permitir que a discussão desta questão vital seja abafada apenas porque não é bem-vinda pelas classes governantes na Alemanha”¹⁸. E ele tinha uma razão adicional para continuar com a sua oferta: perto do fim de 1912, o Almirantado tinha recebido informação indicando que a Alemanha planeava outro aumento na construção naval¹⁹, implicando assim aumentos adicionais na despesa naval britânica.

Churchill repetiria a sua proposta de Férias Navais em duas ocasiões distintas durante 1913. A 26 de Março, no seu segundo discurso sobre as estimativas navais, ofereceu-se para deixar cair os quatro navios de batalha que a Grã-

-Bretanha iria construir durante 1914 se a Alemanha cancelasse ou adiasse a construção dos dois grandes navios que estava programada para começar. Certamente, argumentou Churchill, “uma suspensão mútua não representaria nenhuma desvantagem para a posição relativa” da Alemanha²⁰.

Desta vez Berlim respondeu oficialmente. Bethmann Hollweg disse ao Parlamento que a Alemanha teria ainda que aguardar para receber propostas formais do Governo britânico. Contudo foi dissimulado, uma vez que nos bastidores, os líderes alemães estavam empenhados em desencorajar qualquer acordo²¹. Berlim ordenou secretamente Lichnowsky que dissesse a Sir Edward Grey, o ministro dos negócios estrangeiros britânico, que adicionais referências públicas à proposta de pausa não seriam bem-vindas²². O Kaiser fez saber que tomou toda a ideia como uma afronta pessoal. “O Imperador disse que não desejava fazer



Churchill poderia referir o facto de que durante os quarenta anos anteriores “nenhuma potência altamente organizada e comercial tinha desembainhado a espada contra outra”



alarido,” reportou Sir Edward Goschen, o embaixador britânico em Berlim, “mas desejava que as suas palavras fossem repetidas privada e discretamente no momento mais apropriado”²³. O secretário naval alemão, Almirante Alfred von Tirpitz, foi ainda mais longe, sugerindo que as relações anglo-germânicas poderiam apenas deteriorar-se, e nunca melhorar, se Churchill persistisse, dizendo ao Capitão Erich von Müller, o adido naval em Londres, para transmitir “que Churchill iria apenas prejudicar a delicada planta de uma *détente* com a sua proposta de ‘férias’”²⁴. Quando o adido naval alemão reportou que Churchill pretendia nada mais do que renovar a proposta de ‘férias’ mais tarde em 1913, os líderes alemães prepararam-se para rejeitá-la. O Kaiser escreveu na mensagem para o adido, “Estamos na nossa guarda!”²⁵.

A informação do adido naval alemão provou ser correcta. Churchill renovou

a sua proposta de Férias Navais em Manchester a 18 de Outubro de 1913, num discurso dando total conta, publicamente, do que ele pretendia com todo o esquema. Se a Grã-Bretanha eliminasse os quatro novos navios de batalha e a Alemanha os seus dois grandes navios, a Grã-Bretanha iria poupar 12 milhões de libras e a Alemanha 6 milhões de libras durante os três anos seguinte²⁶.

A “modesta proposta” de Churchill criou uma onda de protestos na Alemanha. O embaixador britânico Goschen reportou que tinha sido coberta “por todos os jornais alemães mais relevantes e tinha sido recebida com desaprovacão geral,” variando apenas no grau de rudeza com que era reportada. Por exemplo, o Conde Ernst von Reventlow, o proeminente editor de assuntos internacionais do conservador *Deutsche Tageszeitung*, disse que Churchill deveria fazer férias de fazer discursos²⁷.

Em Fevereiro de 2014, von Tirpitz rejeitou explicitamente a proposta de Manchester de Churchill num discurso na comissão do orçamento no Parlamento, fazendo uso da justificação de que não era uma proposta oficial. Tirpitz afirmou que havia lido a proposta apenas “nos jornais, por não ter recebido nenhuma intimação adicional sobre o assunto”. Notavelmente, acrescentou ainda que mesmo que o Governo britânico a tivesse proposto formalmente, Berlim rejeitá-la-ia²⁸.

Os alemães queriam de facto manobrar o controlo de armas para o seu lado. A sua política foi tornada clara por Lichnowsky, que disse aos líderes britânicos que a Alemanha procurava criar “uma atmosfera absolutamente saudável entre ambos os países e então veriam que seria completamente absurdo continuar com esta corrida competitiva por armas de defesa”²⁹. Na opinião de Lichnowsky, “era possível alcançar um acordo apesar da forta [alemã] e sem as ‘Férias Navais’”³⁰. Antes de concordar com os limites na construção naval, a Alemanha desejava um acordo político com a Grã-Bretanha por forma a melhorar a sua própria posição estratégica.

CHURCHILL, AOS OLHOS DOS ALEMÃES

O governo alemão encarou o mecanismo das férias navais como uma tentativa de guerra política. Goschen em Ber-



A tenaz promoção do plano por Churchill enfureceu o Kaiser e os seus líderes navais. Para alguns, havia mesmo ganho a reputação de bully

lin notou que os líderes alemães “não conseguiam tirar das suas cabeças [que] o Primeiro Lorde teria algo mais na manga, algo que seria vantajoso para a Grã-Bretanha, e prejudicial para a marinha alemã”³¹. Altamente suspeitosos de Churchill, Tirpitz chamou-lhe um “extraordinariamente enérgico ministro naval inglês,” empenhado em derrotar o desafio naval alemão³². Estes esforços de controlo de armas eram uma tentativa de paralisar o crescimento da frota de batalha e de limitar as aspirações alemãs em alcançar um estatuto de potência mundial. Nas suas memórias, Tirpitz queixava-se dos “incansáveis esforços da diplomacia britânica [que] tinham como objectivo cansar-nos da frota, encontrar buracos na Lei da Marinha, se possível para a destruir”³³.

A tenaz promoção do plano por Churchill enfureceu o Kaiser e os seus líderes navais. Para alguns, havia mesmo ganho a reputação de *bully*. O adido naval alemão von Müller, relatando o discurso sobre as estimativas navais de Churchill em Março de 1914, comentou: “O Senhor Churchill desviou-se do seu hábito anterior, e no seu discurso deste ano evitou fazer referências hostis em relação à marinha alemã – apenas porque percebeu que este seu hábito de ‘falar abertamente’ resultou no oposto à intimidação que ele desejava”³⁴. O relatório de Müller era característico em ver Churchill como habitualmente rude quando falava sobre a marinha alemã, abandonando este hábito apenas quando iludir era o seu propósito.

Mas as políticas internas alemãs também não deveria ser descontinuadas. O

controlo de armas, Tirpitz temia, poderia ter constituído um oportunidade para os inimigos políticos domésticos que se opunham ao programa de construção de navios de batalha, alguns deles dentro do governo alemão. Bethmann Hollweg e o Ministério dos Negócios Estrangeiros, por exemplo, desejavam restringir a construção naval para melhorar as relações com a Grã-Bretanha. Para eles, navios de batalha eram moeda de troca – mas não para Tirpitz, que via a frota de batalha como um instrumento para melhorar a segurança alemã contra uma Grã-Bretanha hostil. Sucessivos oficiais do tesouro alemão também queriam cortar o orçamento da marinha. O secretário do Tesouro Adolf Wermuth preferiu demitir-se em 1912 o invés de permitir aumentos na despesa naval. O seu sucessor, Hermann Kühn, provou ser igualmente resolutivo quando se opôs a uma maior despesa na Frota de Alto Mar.

Tirpitz temia também que as férias navais pudessem galvanizar a oposição no interior do Parlamento. No final da Primavera de 1913, Tirpitz queixou-se que “as propostas de defesa com as suas pesadas exigências para os contribuintes alemães...a exigência geral de um acordo duradouro com a Inglaterra irão abrir o caminho para os planos de Churchill...o ambiente no Parlamento não é...agora tão favorável relativamente [às Férias Navais]”³⁵. No seguimento das eleições gerais de Janeiro de 1912, os Sociais-Democratas, que se opuseram aos aumentos de despesa naval, emergiram como o maior partido no Parlamento.

Outra consideração era de carácter económico: as Férias Navais poderiam deslocar a indústria de construção naval alemã, provocando um aumento no desemprego e na instabilidade social³⁶. Na perspectiva de Tirpitz, os apelos públicos de Winston Churchill pelo controlo de armas poderiam minar o apoio político doméstico.

Churchill encontrava em Tirpitz um inimigo implacável. Quando o Coronel Edward House, o confidente do Presidente Woodrow Wilson, se encontrou com o Almirante em Berlim durante a Primavera de 1914, registou no seu diário que Tirpitz “demonstrava um vinca-do desagrado pelos britânicos, uma antipatia que chegava quase a ser ódio”³⁷. As Férias Navais ameaçavam o trabalho de uma vida de Tirpitz de rivalizar a Grã-

-Bretanha no mar. Em vez de compactuar com ele, preferiria demitir-se.

Por trás de Tirpitz estava o Kaiser, que era igualmente inflexível. A construção naval alemã era também sua criação, a sua ambição estabelecida. Ele reagia furiosamente a quem a tentasse restringir. Entre a oligarquia governante alemã, Wilhelm alinhava consistentemente com Tirpitz sempre que surgiam discordâncias associadas a estratégias de armamento ou à política externa. Exigiu mais navios de guerra mesmo na Primavera de 1914, depois de Tirpitz ter concluído que qualquer construção adicional provaria ser contraproducente uma vez que reforçaria apenas a capacidade de Churchill manter a Grã-Bretanha à frente da Alemanha na corrida armamentista. Apesar das consideráveis provas em contrário, o Kaiser minimizava a contribuição prejudicial da construção naval para a deterioração da situação estratégica da Alemanha. “Se a Inglaterra apenas pretende estender-nos a mão na condição de nós termos de limitar a nossa frota,” declarou, “é de um desfaçatez sem limites que contém um grave insulto contra o povo alemão e o Imperador. Esta proposta deve ser rejeitada liminarmente... tenho mostrado aos ingleses que, sempre que tentam interferir com o nosso armamento estão apenas a desperdiçar energia. Talvez por isto lhes tenha aumentado o ódio, mas ganhei o seu respeito”³⁸.

CHURCHILL AOS OLHOS DOS BRITÂNICOS

A oposição às Férias Navais não estava confinada à Alemanha; opositores políticos internos tinham também atacado Churchill. Arthur Lee, o porta-voz principal nas questões navais da oposição Conservadora, viu “obstáculos quase insuperáveis no caminho de qualquer tentativa para colocar o plano em prática”³⁹. A opositora *National Review* considerou “verdadeiramente estupefaciente” que o Governo Liberal surgisse tão obcecado com a “mania de desarmamento,” e desprezou com desdém o “charlatão no Almirantado” pelo seu “desempenho de plataforma que são tão idiotas para nós como ofensivas para a Alemanha e que colocam o jogo a favor do vasto exército de Anglófonos [na Alemanha] que pregam uma *jeihad* [sic] contra este país. Políticos deste calibre

dirão qualquer coisa apenas para serem reportados”⁴⁰. Os críticos consideravam ser indigno para a Grã-Bretanha repetir uma proposta à Alemanha que já havia sido rejeitada. Ao repeti-la, Churchill estaria apenas a encorajar os líderes alemães a pensar que a Grã-Bretanha estaria já fatigada da competição naval⁴¹.

O staff permanente do Ministério dos Negócios Estrangeiros e os diplomatas de alto nível colocaram, igualmente, objecções. Sir Eyre Crowe, um subsecretário de estado adjunto para os assuntos internacionais, acreditava que qualquer proposta de controlo de armas feita pela Grã-Bretanha “não seria tratada directamente na negociação, e considero que qualquer negociação com um adversário tão sem-escrúpulos é altamente perigosa”⁴². Goschen em Berlim observou, “não podemos deixar de pensar que uma execução determinada do que [Churchill] definiu em 1912 [manter-se decisivamente à frente da Alemanha] teria um efeito maior sobre a construção naval alemã do que o que já tinha ocorrido até então...a melhor forma de desencorajar o grande partido naval na Alemanha é deixar bem claro que, se formos ameaçados com mais esforços para reduzir a nossa supremacia, devemos fazer um esforço ainda maior, através de empréstimos, se necessário, para tornar essa supremacia incontestável”⁴³. O rei Jorge V concordou com a opinião do Kaiser, seu primo, de que Churchill deveria desistir de tentar obter um acordo para controlo de armas, acrescentando ao relatório de Goschen: “Concordo inteiramente com a esperança expressa pelo Imperador”⁴⁴.

Mas imperativos de política interna desempenharam um papel bastante relevante nos cálculos de Churchill. Um consenso relativamente à despesa naval no interior do partido Liberal era fundamental, contudo neste assunto existia tudo menos unidade. O controlo de armas reassegurava aos pacifistas liberais que o governo estaria a fazer tudo o que estava ao seu alcance para atenuar a rivalidade naval. Vários comentadores políticos consideravam o plano de Churchill uma tentativa de apaziguar esses mesmos Liberais, que desejavam uma menor despesa naval. Em reacção ao discurso de Churchill em Manchester, o influente Lord Esher atentou: “Winston estava a troçar com a galeria radical, uma vez que é inconcebível que um

companheiro tão inteligente pudesse ser tolo o suficiente para imaginar que conseguiria obter uma resposta favorável”⁴⁵.

Churchill tinha motivos sólidos para “troçar com a galeria”: o desafio naval alemão colocava um doloroso dilema para o governo liberal: ou se gastava ainda mais para garantir a vantagem em relação à Alemanha, ou renunciava-se à supremacia marítima. Dadas as opções, decidiram em última análise aumentar a despesa naval, que aumentou mais de 18 milhões de libras durante a vigência do governo Liberal⁴⁶. Mas esta escolha não caiu bem aos Liberais que consideravam a corrida naval um autêntico desperdício. Para David Lloyd George, o dinâmico Ministro das Finanças britânico, a competição armamentista correspondia a uma “insanidade organizada”. Lloyd George recebeu apoio significativo de entre os companheiros Liberais quando pressionou Churchill para reduzir a despesa do Almirantado durante o Inverno de 1913-14⁴⁷. A complexa interacção de factores domésticos políticos e estratégicos exigia que Churchill tivesse que assegurar a aprovação do seu programa de construção naval no seio do governo e do partido Liberal em geral. O controlo de armas oferecia esta oportunidade.

UMA ÚLTIMA TENTATIVA

Na Primavera de 1914, quando as perspectivas da proposta de férias navais pareciam já ter chegado ao fim, uma nova chance apareceu subitamente: uma vista a Kiel de um esquadrão de navios de batalha britânicos, convidado pelo governo alemão para participar na regata anual de Kiel. Se Churchill acompanhasse os navios de guerra, poderia encontrar-se com o Kaiser e com Tirpitz. Esta ocasião constituía uma oportunidade de ouro para um estadista que sempre acreditou nos contactos pessoais.

Albert Ballin, director da linha Hamburgo-América e íntimo do Kaiser, agiu como intermediário para obter um convite para Churchill acompanhar o esquadrão britânico. De acordo com o seu biógrafo, Ballin “agarrou-se à sua ideia favorita de que os peritos navais de ambos os países poderiam alcançar um acordo”⁴⁸. Agindo fora dos canais governamentais, Ballin contactou o amigo de Churchill, o influente banqueiro Sir Ernest Cassel. Churchill saudou a opor-

tunidade mas naturalmente queria saber “se Tirpitz queria mesmo ver-me e ter uma conversa”. Cassel assegurou-lhe que “assim era”⁴⁹. Churchill acolheu evidentemente com muito gosto a oportunidade para uma conversa directa, de alto-nível, com os líderes alemães.

Não obstante as garantias de Ballin e Cassel, o Kaiser Wilhelm era completamente contra a ocasião. “Observou de forma muito decisiva que não tinha convidado o Primeiro Lorde para a regata de Kiel, mas que o Primeiro Lorde parecia ter o hábito de aparecer sem ser convidado, tal como tinha feito nas ‘Manobras do Kaiser’” (uma referência à presença de Churchill nas manobras militares alemãs em 1909). O adido naval britânico relatou, “O Imperador observou que não sabia como receber o Primeiro Lorde, o que lhe disse, acha que o Sr. Churchill transpôs mais tarde. Era um homem em quem não se podia confiar”. Wilhelm também descreveu a visita de Lord Haldane à Alemanha em 1912, na tentativa de alcançar uma solução naval, iniciativa de Ballin e Cassel, um “fiasco”⁵⁰.

A potencial chegada dos navios de guerra britânicos – uma visita desejada pelo governo alemão – tornou mais difícil para Wilhelm rejeitar a tentativa de Churchill estar também presente. “Um convite não seria oportuno,” instruiu o Kaiser ao Ministério dos Negócios Estrangeiros Alemão, mas “um pedido oficial pelos britânicos sobre se o Sr. Churchill e os seus colegas no Almirantado seriam bem-vindos...seria recebido com muito gosto”⁵¹.

Fazendo da necessidade uma virtude, Wilhelm ofereceu-se mesmo para convidar Churchill através do seu irmão, o Grande Almirante Príncipe Henrique da Prússia. “O Imperador deseja que se compreenda,” o Príncipe Henrique disse ao embaixador britânico, “que ele convidou oficialmente o Primeiro Lorde do Almirantado e os seus colegas para Kiel, e que deseja que em todas as ocasiões tanto o Sr. Churchill como o [Primeiro Lorde do Mar] Príncipe Luís de Battenberg seria apresentado durante a semana de Kiel”⁵². Este súbito revés foi reportado a Churchill pelo adido naval britânico em Berlim:

[O que o Príncipe Henrique] quer que lhe transmita claramente é que o Imperador ficará indubitavelmente magoada se o

*Senhor e pelo menos outro alto-membro do Almirantado não comparecerem. O Príncipe Henrique indicou-me que o Imperador gostaria de dar as boas-vindas ao Príncipe Luís de Battenberg, e transmitiu-me que A Sua Majestade está francamente ansiosa para lhe demonstrar a sua afabilidade nesta ocasião. Em suma, o que é evidentemente desejável é que o Senhor e o Primeiro Lorde do Mar estejam ambos em Kiel no [iate do Almirantado] “Enchantress”.*⁵³

Com o objectivo de tentar a sua sorte, Churchill desenvolveu uma agenda de controlo de armas com quatro pontos, sendo o primeiro a proposta das Férias Navais. Acreditou que as duas nações poderiam também concordar em limitar o tamanho dos grandes navios e, para reduzir o perigo de um ataque surpresa, uma forma de diminuir “a concentração doentia de frotas nas águas domésticas”. Outro tópico de discussão era o desenvolvimentos de medidas de construção de confiança – procedimentos formais para inspecções mútuas – que “percorreriam um longo caminho para terminar com a espionagem em ambos os lados que constituía uma causa contínua de suspeição e mal-estar”. Churchill escreveria mais tarde sobre estes assuntos que, se “se alcançasse um acordo, traria uma situação de maior conforto e estabilidade”⁵⁴.

Mas a agenda de Churchill não teria melhores chances do que antes. Nem Tirpitz nem o Kaiser Wilhelm havia alterado minimamente o seu ponto de vista. De facto, queriam proceder a aumentos da força naval alemã durante a Primavera de 1914; Tirpitz queria aumentar a prontidão para uma “ofensiva-relâmpago”. Tirpitz estava a pedir mais 150-200 milhões de marcos acima do orçamento que já havia sido alocado. Bethmann Hollweg, aludindo a considerações diplomáticas e financeiras, afastou estes pedidos⁵⁵. Mas Tirpitz e o Imperador estavam apenas à espera de uma ocasião para derrotar a oposição e aumentar a ameaça colocada pela frota alemã à Grã-Bretanha.

O Kaiser deixou isto bastante claro quando escreveu a Bethmann Hollweg na Primavera de 1914: “É meu desejo ver o interminável e perigoso assunto das limitação do armamento arrumado e posto de lado definitivamente. No fim

de contas, o que está aqui em causa é a Grã-Bretanha a protestar contra o meu direito de decidir sobre o poder naval que a Alemanha deve requerer”⁵⁶.

O embaixador britânico Goschen relatou que o esquema de Churchill não era apreciado “ostensivamente porque a ideia era impraticável – mas sinceramente espero, porque é uma oferta que eles não podem aceitar – e que pode torná-los passíveis de lhes dizermos mais tarde – “Fizémo-vos uma oferta e não a aceitaram”⁵⁷.

O embaixador Lichnowsky, reportando desde Londres, avisou o seu governo a 10 de Maio de 1914: o Primeiro Lorde “irá provavelmente [a Kiel] a bordo do seu iate, acompanhado por alguns Lordes do Mar e a sua bonita e encantadora mulher,” escreveu. “Churchill é uma raposa extremamente astuta e irá certamente tentar uma ou outra proposta connosco....Como político é algo fantástico e pouco confiável”⁵⁸. Contudo, Lichnowsky não poderia “imaginar que isso causasse algum dano, a menos que começássemos a discutir assuntos desnecessários com ele”. Lichnowsky voluntariou-se para alertar Churchill “que seria melhor não referir as Férias Navais ou qualquer outro absurdo do género”⁵⁹.

É possível imaginar a resposta de Churchill à caracterização feita pelo Príncipe Lichnowsky do primeiro ponto da sua agenda. Mas a opinião do embaixador alemão reflectia de forma fiel a opinião do Governo alemão.

Churchill era, obviamente, um realista que tinha poucas ilusões. “Não espero,” admitiu, “qualquer acordo nesta [proposta de pausa], mas gostaria de me referir ao assunto das falsas declarações e dos mal-entendidos que o têm rodeado, e clarificá-lo para o caso de se alguma vez a realidade o transformar numa possibilidade admissível”. Se não conseguisse convencer os alemães, poderia sempre utilizar a sua recusa para derrotar a oposição política interna à despesa naval. “Espero,” Churchill escreveu a Grey e ao Primeiro-Ministro Asquith, “tendo em contra o decidido sentimento geral sobre a despesa naval e as grandes dificuldade que tenho que enfrentar, que o meu desejo de referir estes pontos ao Almirante Tirpitz...possa ser tomado em consideração”⁶⁰.

Os seus colegas não estavam con-

vencidos. Ainda que Grey já tivesse sido informado da tentativa de Ballin e Cassel para iniciar conversações e tivesse aprovado a visita do esquadrão britânico a Kiel, ele foi surpreendido quando o telegrama de Goschen chegou com o convite para Churchill. “Isto nunca acontecerá neste momento,” escreveu Grey no telegrama, “e nem sequer se colocava, assim entendi, a questão do Primeiro Lorde e o Primeiro Lorde do Mar irem com a frota”⁶¹. Apenas duas semanas antes, Grey tinha recebido uma nota de Churchill afirmando que uma visita sua à Alemanha durante as festividades de Kiel era “impracticável”⁶².

Grey colocou travões. Em vez de uma cimeira em Kiel, Grey sugeriu que ambos os lados explorassem formas de reduzir a

rivalidade naval, iniciando conversações a um nível inferior, envolvendo os adidos navais em Londres e Berlim. Se estas negociações se revelassem promissoras, então Grey considerava, encontros de nível superior poderiam acontecer.

Certamente Grey viu também na iniciativa de Churchill um desafio em relação ao seu controlo da política externa da Grã-Bretanha. E não gostou. Grey havia provado ser um lutador perspicaz, segurando as rédeas do poder por mais de oito anos, incluído esforços anteriores de Churchill para se aproximar do Ministério dos Negócios Estrangeiros⁶³. Na sua resposta ao pedido de Churchill para negociar com os líderes alemães, um vislumbre de irritabilidade foi evidente, “Avanço com isto

[proposta alternativa, conservações entre adidos navais] com desconfiança uma vez que está fora da minha esfera de influência”.

O Primeiro Ministro Asquith apoiou Grey na recusa da visita de Churchill à Alemanha⁶⁴. Goschen estava devidamente instruído para que informasse os alemães que Churchill e Battenberg não acompanhariam o esquadrão britânico. “Sua Majestade compreendeu a situação,” Goschen reportou, “e lamentou que [eles] não pudessem vir da forma mais amigável”⁶⁵.

Bem consciente da reputação de persistente de Churchill, o governo alemão permaneceu na dúvida sobre se a visita poderia ou não de facto ocorrer. De acordo com Ballin, “Churchill comentou

NOTAS

¹ Nota de Grey em Cartwright to Grey, 24 Fevereiro 1911, Foreign Office Papers 371/1123, ff. 51-53A, The National Archives, Kew, UK [doravante TNA].

² A. J. P. Taylor, *The Struggle for Mastery in Europe, 1848-1918* (Oxford: Oxford University Press, 1971), 501-02; Lichnowsky para Bethmann Hollweg, 30 Abril 1913, em *Die grosse Politik der europäischen Kabinette, 1871-1914*, eds. Johannes Lepsius, Albrecht Mendelssohn Bartholdy e Friedrich Thimme (Berlim: Deutsche Verlagsgesellschaft für Politik und Geschichte, 1927) [doravante G.P.], vol. 39, no.15.572, 38-39.

³ Churchill para Grey, 24 Outubro 1913, em G.P. Gooch e Harold Temperley, eds., *British Documents on the Origins of the War, 1898-1914*, (Londres: His Majesty's Stationery Office, 1930) [doravante British Documents], vol. 10, parte 2, no. 487, 721.

⁴ Winston S. Churchill, *The World Crisis, 1911-1914* (Londres: Thornton Butterworth, 1923), 72, 148.

⁵ Churchill para William Royle, 20 Dezembro 1911, em Randolph S. Churchill, ed., *Winston S. Churchill, Companion Vol. II, Parte 2, 1907-1911* (Londres: Heinemann, 1969) [doravante *Companion II/2*], 1360-61.

⁶ “Government Policy and the Foreign Situation, 14 Agosto 1908” em Robert Rhodes James, ed., *Winston S. Churchill: His Complete Speeches, 1897-1963*, 8 vols., (Nova Iorque: Bowker, 1974) [doravante *Speeches*], II 1082-87.

⁷ Churchill, “Free Trade,” 4 Agosto 1908, em *Speeches II* 1081-82.

⁸ Bernard Brodie, *War and Politics* (Nova Iorque: Macmillan, 1973), 319.

⁹ Números retirados de Viscount Hythe e John Leyland, eds., *The Naval Annual, 1914* (Londres: William Clowes, 1914), 76, 83.

¹⁰ Churchill, *World Crisis*, 20-21.

¹¹ Churchill para Grey, 9 Setembro 1909, *Companion II/1*, 958-61.

¹² Churchill para Fisher, 19 Fevereiro 1912, em Churchill, *World Crisis*, 107-08.

¹³ Churchill para J. L. Garvin, 10 Agosto 1912, Garvin Papers, Harry Ransom Humanities Center, University of Texas - Austin.

¹⁴ Churchill, *World Crisis*, 107-08.

¹⁵ Parliamentary Debates (Hansard), 5th series, vol. 34, cols. 1340-41, e vol. 35, col. 35.

¹⁶ Churchill, *World Crisis*, 112.

¹⁷ Arthur J. Marder, *From the Dreadnought to Scapa Flow*, 5 vols. (Londres: Oxford University Press, 1961), I 285.

¹⁸ Churchill para Grey, 24 Outubro 1913, *British Documents*, vol. 10, parte 2, no. 487, 721.

¹⁹ Churchill, “Memorandum on Naval Estimates 1913-14,” 24 Dezembro 1912, TNA, Admiralty Papers 116/1294B, 6.

²⁰ Parliamentary Debates, 5th series, vol. 50, cols. 1749-91.

²¹ Ver Grey para Goschen, 5 Março 1913, *British Documents*, vol. 10, parte 2, no. 465, 687-88.

²² G.P., vol. 39, 48 nota.

²³ 54. Churchill para Asquith e Grey, 20 Maio 1914, em *Companion II/3*, 1978-80. 55. Goschen para Grey, 3 Julho 1913, *British Documents*, vol. 10, parte 2, no. 480, 705-06. Grey alinhou com Churchill; o seu apoio abriu caminho para as férias navais; ver Minute por Churchill, 8 Julho 1913, *ibid.*, no. 481, 706-07. Para o apoio de Grey, ver Grey para Goschen, 28 Outubro 1913, *ibid.*, no. 488, 722.

²⁴ Alfred von Tirpitz, *Der Aufbau der deutschen Weltmacht*, 2 vols. (Estugarda: J.G. Cotta, 1924), I 396.

²⁵ G.P., vol. 39, 39-46.

²⁶ *Speeches*, II 2173-76; “Mr. Churchill in Manchester,” *The Times*, 20 Outubro 1913, 9-10.

²⁷ Goschen para Grey, 22 Outubro 1913, *British Documents*, vol. 10, parte 2, no. 485, 719.

²⁸ *British Documents*, vol. 10, parte 2, no. 502, enclosure 2, 739.

²⁹ Grey para Goschen, 8 Agosto 1912, *British Documents*, vol. 10, parte 2, no. 451, 655-57.

³⁰ Prince Lichnowsky, *My Mission to London, 1912-1914* (Nova Iorque: George H. Doran, [1918]), 22-23.

³¹ Goschen para Grey, 8 Novembro 1913, *British Documents*, vol. 10, parte 2, no. 489, 723.

³² Tirpitz, *Aufbau der deutschen Weltmacht*, I 422.

³³ Grand-Admiral [Alfred] von Tirpitz, *My Memoirs*, 2 vols. (Londres: Hurst and Blackett, 1919), vol. 1, 208.

³⁴ Relatório do Capitão Müller, 30 Março 1914, G.P., vol. 39, 86-99.

³⁵ Tirpitz, *Aufbau der deutschen Weltmacht*, I 395.

³⁶ V. R. Berghahn, *Germany and the Approach of War in 1914* (Nova Iorque: St. Martin's, 1973), 129.

³⁷ House Diary, 23 Maio 1914, Sterling Memorial Library, Yale University, New Haven, Conn.

³⁸ Henry Kissinger, *Diplomacy* (Nova Iorque: Simon & Schuster, 1994), 188.

³⁹ *The Times*, 28 Março 1913, 11-12.

⁴⁰ *National Review* 62, no. 369 (Novembro 1913), 368.

⁴¹ *The Times*, 21 Outubro 1913, 8.

⁴² Minute por Eyre Crowe, em Goschen para Grey, 10 Fevereiro 1914, *British Documents*, vol. 10, parte 2, no. 501, 737.

⁴³ Goschen para Nicolson, 24 Outubro 1913, *British Documents*, vol. 10, parte 2, no. 486, 720.

⁴⁴ Goschen para Grey, 3 Julho 1913, *British Documents*, vol. 10, parte 2, no. 480, 705-706.

que, se Tirpitz quisesse mesmo vê-lo, encontraria forma de fazer acontecer tal encontro”. Os alemães reservaram até um local para o *Enchantress* atracar, no caso de o Primeiro Lorde atravessar o mar do Norte⁶⁶. Mas o Kaiser e Tirpitz, desejosos por evitar negociações, não fizeram mais esforços para aliciar Churchill para uma visita que teria certamente causado tumulto no seu governo.

EM RETROSPECTIVA

A intransigência alemã impediu que as Férias Navais de Churchill se tornassem na base de negociações sérias. Indiscutivelmente, as políticas domésticas desempenharam o seu papel. Mas Churchill procurava resgatar os líderes alemães de uma armadilha estratégica que eles tinham criado para si próprios. Era lógico, acreditava, enfrentar frontalmente a rivalidade naval que tinha conduzido ao antagonismo entre os dois países. Mas Berlim recusava sequer

considerar restrições na sua construção naval. A segurança alemã e o seu prestígio internacional dependiam dela, e isso significava ameaçar a posição de longa-data da Grã-Bretanha como a maior potência naval do mundo.

A devoção de Wilhelm e Tirpitz relativamente a uma poderosa ‘Frota de Alto Mar’ causou grande prejuízo, antagonizando até os moderados Liberais britânicos que geralmente se opunham à despesa militar. Colocou a Grã-Bretanha na lista dos países que procuravam conter o crescimento do poder alemão. “Com cada rebite que Von Tirpitz colocou nos seus navios de guerra,” Churchill escreveu mais tarde, “uniu a opinião pública britânica em todos os amplos círculos das pessoas mais poderosas em cada passo da vida e em cada parte do Império. Os martelos que tinham em Kiel e em Wilhelmshaven moldavam a coligação de nações pela qual a Alemanha resistiria mas sairia derrubada”⁶⁷. Os governantes alemães teriam melhor

garantido os seus interesses, juntamente com o bem-estar do povo alemão, se tivessem cooperado com Churchill em vez de o tentar contrariar.

A oportunidade para a Grã-Bretanha e para a Alemanha alcançarem um entendimento chegou ao fim com a eclosão da guerra no Verão de 1914. A proposta de Churchill para visitar Kiel, como se revelou, teria representado a última chance para conversações de alto-nível, pessoalmente, entre os líderes britânicos e alemães. Ao invés, estas duas potências e as restantes resolveriam as suas rivalidades lutando na maior guerra até então de que havia registo na história. Para grande crédito de Churchill, ele procurou prevenir o confronto – negociando uma resolução justa para a competição naval e formas de tornar ambos os países mais seguros. Ao mesmo tempo, ao preparar a Marinha Real para a prova de força próxima, Churchill contribuiu de forma vital para a vitória final das armas britânicas. ■

NOTAS

⁴⁵ Esher para Stamfordham, 26 Outubro 1913, Oliver Esher e M. V. Brett, eds., *Journals and Letters of Reginald Viscount Esher 860–1915*, 3 vols. (Londres: Nicholson and Watson, 1938), III 142.

⁴⁶ H.H. Asquith, *The Genesis of the War* (Londres: Cassell, 1923), 107, 144.

⁴⁷ F.W. Wiemann, “Lloyd George and the Struggle for the Navy Estimates of 1914,” in A. J. P. Taylor, ed., *Lloyd George: Twelve Essays* (Nova Iorque: Atheneum, 1971), 71–91.

⁴⁸ Bernhard Huldermann, Albert Ballin (Londres: Cassell and Company, 1922), 192.

⁴⁹ Churchill para Grey, 8 Maio 1914, em Randolph S. Churchill, *Winston S. Churchill, Companion Volume II, Part 3* (Londres: Heinemann, 1969) [doravante *Companion II/3*], 1977.

⁵⁰ Watson para Goschen, “Remarks of His Majesty the Emperor to Naval Attaché,” 12 Maio 1913, *British Documents*, vol. 10, parte 2, no. 475, 701. Apesar de afirmação em contrário do Kaiser, Churchill recebeu um convite para as manobras da armada alemã; ver WSC para sua mãe, 4 Agosto 1909, in *Companion II/2*, 903.

⁵¹ Karl Georg von Treutler, diplomata e assessor do Kaiser, para German Foreign Office, 27 Abril 1914, G.P., vol. 39, 100.

⁵² Goschen para Grey, 18 Maio 1914, em *British Documents*, vol. 10, parte 2, no. 509, 744–45.

⁵³ Capitão Henderson para Churchill, 16 Maio 1914, CHAR 13/45, Churchill College Archives, Cambridge, U.K.

⁵⁴ Churchill para Asquith e Grey, 20 Maio 1914, em *Companion II/3*, 1978–80.

⁵⁵ Para a política de armamento alemã, ver David Stevenson, *Armaments and the Coming of War: Europe, 1904–1914* (Oxford: Clarendon, 1996), 339–40.

⁵⁶ Wilhelm para Bethmann Hollweg, 9 Fevereiro 1914, in E.T.S. Dugdale, *German Diplomatic Documents*, vol. 4: *The Descent to the Abyss, 1911–1914* (Londres: Methuen, 1931), 320.

⁵⁷ Entrada no diário de Goschen, 26 Março 1914, em Christopher H.D. Howard, ed., *The Diary of Edward Goschen, 1900–1914* (Londres: Royal Historical Society, 1980), 268.

⁵⁸ Lichnowsky para Jagow, 10 Maio 1914, em Prince Lichnowsky, *Heading for the Abyss: Reminiscences* (Londres: Constable, 1928), 346–48.

⁵⁹ Lichnowsky to Jagow, 26 Maio 1914, *ibid.*, 346–47.

⁶⁰ Churchill para Asquith e Grey, 20 Maio 1914, em *Companion II/3*, 1978–80.

⁶¹ Minute por Grey em Goschen para Grey, 18 Maio 1914, *British Documents*, vol. 10, parte 2, no. 509, 745.

⁶² Churchill para Grey, 8 Maio 1914, em *Companion II/3*, 1977.

⁶³ Lloyd George, por exemplo, quando visitou a Alemanha durante o Verão de 1908, procurou negociações de alto-nível. Grey, em resposta, queixando-se a Asquith sobre a sua interferência na condução da política externa britânica. A entrevista dada por Lloyd George e publicada no dia de Ano Novo, 1914 também suscitou uma resposta por Grey. Lloyd George

apoiou a vista de Churchill a Kiel.

⁶⁴ Memorandum por Grey, 25 Maio 1914, *British Documents*, vol. 10, parte 2, no. 512, 748–49.

⁶⁵ Uma vez que nenhum convite formal foi enviado pelo governo alemão – apenas o comunicado do Príncipe Henrique para Goshen – houve alguma confusão sobre se Churchill teria sido convidado e sobre como responder. A Embaixada Alemã na Grã-Bretanha, por exemplo, não foi clara sobre a visita, aparentemente por não saber do convite do Príncipe Henrique. Lichnowsky disse à mãe de Churchill num jantar que o governo alemão “não o tinha convidado, mas que se ele decidisse vir, poderia estar certo de uma recepção cordial”; Lichnowsky para Jagow, 26 Maio 1914, em Lichnowsky, *Reminiscences*, 346–47. Goschen, consequentemente, usou a ocasião de um almoço de estado para falar directamente com o Kaiser sobre o assunto. Primeiro, todavia, Goschen verificou que Wilhelm tinha de facto instruído o Príncipe Henrique a fazer o convite verbal. O embaixador britânico informou então o Kaiser – para seu grande alívio, sem dúvida – que Churchill não estaria disponível para visitar Kiel; Goschen to Grey, 3 Junho 1914, *British Documents*, vol. 10, parte 2, no. 515, 750.

⁶⁶ Huldermann, Albert Ballin, 192; Churchill pediu informação sobre quão rapidamente poderia o *Enchantress* chegar a Kiel; ver J.D. Allen, carta manuscrita, 7 Maio 1914, CHAR 13/45, Churchill College Archives, Cambridge, U.K.

⁶⁷ Churchill, *World Crisis*, 115.